

Anarquismo Versus Civilização

Margaret Killjoy



Copyleft: Esta publicação é uma ferramenta de luta contra o capitalismo, a colonialidade e o patriarcado em todas as suas expressões. Por isso, pode e deve ser reproduzida para ler em qualquer lugar, discutir em grupo, promover oficinas, citações acadêmicas, rodas de conversas e fazer impressões para fortalecer o seu rolê anarquista / banquinha de zines / coletivo. Compartilhar não é crime. Pirataria é multiplicação.

Anarchism versus Civilization

Margaret Killjoy

Publicado originalmente por *Strangers In A Tangled Wilderness* (tangledwilderness.org), traduzido por DaVinci e revisado por A1t. Diagramação de Baderna James. Capa por Iagus Ltda.

Editora Monstro dos Mares

Caixa Postal 1560

Ponta Grossa – PR

84071-981

site/loja: monstrodosmares.com.br

contato: editora@monstrodosmares.com.br.

Temos o prazer de apresentar a você este pequeno ensaio (discurso retórico?) de nossa própria Margaret Killjoy, que traz à luz algumas das hipocrisias simples da crítica contra a crítica primitivista e sugere que o próprio anarquismo é inerentemente uma ideia anticivilização.

Sim, muitos primitivistas glorificam e simplificam demais modos de vida que estão há muito datados, a suposta “idade de ouro” anterior à civilização... e, ainda assim, essa crítica muitas vezes vem de anarquistas que citam apenas autores mortos há cem anos ou mais, que desejando com nostalgia a “idade de ouro” do anarquismo.

Estamos vivos aqui e agora. O passado é útil como inspiração, mas o passado também é uma sequência ininterrupta de falhas. Esforços valentes, mas também fracassos.



Anarquismo Versus Civilização

Em seu polêmico *Anarquismo versus Primitivismo* de 2003, Brian Oliver Sheppard defende que o primitivismo está inerentemente em contradição com o anarquismo.

Muito pode ser inferido de seu tom, que é abertamente zombaria. Ele faz referências a como “(in)felizmente para os anarquistas, mergulhar no miasma primitivista tornou-se necessário”, abertamente condescendente em envolver os primitivistas. Mas seus argumentos estão atolados em absurdos: ele zomba dos primitivistas como hipócritas por se engajarem em práticas tecnológicas, enquanto ignora o

fato de que quase todo anarquista de qualquer tipo na sociedade capitalista e estatista não está vivendo como prega.

O cerne de seu argumento é que o primitivismo é autoritário e, portanto, irreconciliável com o anarquismo. Mas o anarquismo que ele promove é evidentemente simplista e “clássico”, um anarquismo vermelho que defende o controle operário de uma sociedade sem Estado. Ele argumenta que os primitivistas estão presos em um passado ilusório que não pode ser sustentado por evidências, mas nunca reconhece sua cumplicidade no mesmo comportamento; aqui está um homem argumentando que o anarquismo sempre foi sobre controle operário e ideias comunistas, ignorando completamente o passado e presente heterogêneos do anarquismo.

Os individualistas, os anarquistas-sem-adjetivos, os mutualistas... essas pessoas simplesmente nunca existiram, isso que podemos inferir do artigo de Brian¹.

Existem críticas bem fundamentadas ao primitivismo, mas raramente são distribuídas. Em vez disso, missivas derrotistas e notavelmente sectárias são a norma. Mas esta ideia básica, de que o anarco-primitivismo não é mais anarquista do que as ideias amplamente rejeitadas dos “anarco”-capitalistas e “anarco”-nacionalistas, é curiosa.

Para fins de argumentação, defendo o caso oposto: o anarquismo é e sempre foi anticivilização, e que civilização e anarquismo

1 Obviamente, é a norma referir-se a um escritor pelo sobrenome em vez do primeiro nome. Isso se aplica com muito mais frequência aos homens do que às mulheres; compare Kropotkin e Bakunin com Voltairine DeCleyre e Emma Goldman.

são completamente irreconciliáveis. Qualquer um que alega ser a favor da civilização e do anarquismo está se iludindo.²

Um antropólogo chamado Elman Service³ sugeriu um sistema de classificação amplamente usado para culturas humanas que contém quatro categorias aproximadas. Em primeiro lugar, existem bandos de coletores-caçadores, que geralmente são igualitários; em segundo lugar, existem sociedades tribais que são maiores, um pouco mais formais e têm partes de classificação social; em terceiro, estão os cacicatos, que continuam no caminho da estratificação social; e,

2 Ou simplesmente use um conjunto semântico diferente e tenda a definir as coisas de forma diferente daquela que eu ou este artigo fazemos.

3 Elman Service, aliás, para alguns credos de anarco-comunistas, foi um voluntário americano na Brigada Abraham Lincoln da Guerra Civil Espanhola, lutando contra Franco e os fascistas.

finalmente, existem civilizações, que são antropologicamente entendidas por suas complexas hierarquias sociais e governos institucionais organizados.

A rejeição de hierarquias sociais complexas e governo significa, portanto, a rejeição da civilização. Se uma sociedade anarquista se desenvolvesse, seria por definição uma sociedade não civilizada.

Claro, pode-se argumentar que os anarquistas “clássicos”⁴ estão em oposição ao conceito de Estado, em vez de que a ideia de governo, por exemplo, mas a esmagadora

4 A palavra “clássico” está recebendo tratamento de citações neste artigo porque eu pessoalmente desaprovo essa simplificação exagerada de “o que os anarquistas sempre quiseram” que é apresentada a nós por Brian Sheppard tanto quanto desaprovo a simplificação exagerada do que “como eram os povos primitivos”, de que de fato muitos primitivistas são culpados.

maioria do pensamento e do diálogo anarquista contemporâneo fala sobre a rejeição do governo como algo que está inerentemente ligado à forma de Estado.

Portanto, uma sociedade anarquista precisaria de um retorno aos bandos de coletores-caçadores ou – e eu considero essa opção muito mais provável e muito preferível, pessoalmente – significaria desenvolver algo inteiramente novo. Eu pessoalmente gostaria de chamá-lo de pós-civilização, mas não acredito que devemos chamá-lo assim. Simplesmente ‘precisamos’ entender isso como anarquismo.

Elman entendeu sua tipologia de quatro partes como ilustrativa de uma perda linear de autonomia. Em um bando, um indivíduo tem liberdade. Em uma civilização, um indivíduo cedeu ou perdeu essa liberdade.

Bem, Elman era um teórico da integração; ele acreditava que os cidadãos nas civilizações antigas abriam mão de sua autonomia voluntariamente - em essência, que eles assinavam o contrato social, cedendo sua liberdade para permitir uma sociedade mais complexa. A teoria oposta é a teoria do conflito: a de que os estados têm, desde o início, buscando consolidar o poder nas mãos de poucos para o benefício de poucos.

Mas ninguém está argumentando que o desenvolvimento, de um bando para a civilização, não resultou em hierarquia e falta de autonomia. Isso tem sido, historicamente, bastante simples e linear: quanto mais uma sociedade “avança” ao longo dessas linhas em direção à civilização, mais a liberdade diminui.

O anarquismo defende uma sociedade igualitária e sem classes desprovida de autoridade coercitiva e, portanto, argumenta – e sempre o fez – contra alguns dos traços primários e distintivos que definem a civilização. Argumentar a favor da civilização é tão absurdo quanto argumentar a favor do Estado.

Poucos anarquistas modernos argumentariam contra ideias anarcafeministas. Anarcafeminismo (enquanto vertente) não é entendida como algo separado, estranho ao anarquismo como um todo, mas sim como um componente essencial da luta contra a dominação. É geralmente entendido que existem quem se identifica mais fortemente com a anarcafeminismo do que outrem. Existem quem o utilize como sua lente pessoal para se dirigir ao mundo,

que estabelecem importantes teorias e organização prática para enfrentar e superar o patriarcado.

E esse, eu argumentaria, é o papel dos anticivilizados, dos anarcoprimitivistas. O pensamento anticivilização aprofundou muito nossa compreensão da opressão, com sua crítica da divisão do trabalho e dos conceitos lineares de progresso.

É um erro rejeitar todos os anarcoprimitivistas como hipócritas genocidas, assim como rejeitar todos os anarquistas comunistas como tecnófilos que desejam a escravidão da natureza a serviço do *Todo Poderoso Trabalhador*⁵.

5 Claro, seria mais fácil para mim não cometer esse erro se eu não conhecesse pessoalmente mais do que poucas pessoas que se encaixam nesses esteriótipos rudes...

Patriarcado, governo, capitalismo, nacionalismo, racismo, civilização... nada disso tem um lugar na sociedade que ambicionamos. E o mais importante, nada disso tem um lugar em nossas lutas, aqui e agora.